

EDUÍNO DE JESUS, O BAR JADE E O JORNAL *A ILHA* – ANDAMENTOS DE UM TEMPO

URBANO BETTENCOURT

Bettencourt, U. (2010), Eduíno de Jesus, o Bar Jade e o jornal *A Ilha*. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 20: 175-183.

Sumário: O texto procura destacar o papel do escritor Eduíno de Jesus (1928-) na renovação estética e literária dos anos quarenta nos Açores, especialmente a sua intervenção como crítico literário. Ao mesmo tempo, chama a atenção para o papel da sua geração nesse processo.

Bettencourt, U. (2010), Eduíno de Jesus, the Bar Jade and the newspaper *A Ilha*. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 20: 175-183.

Summary: The text intends to emphasize the role of the writer Eduíno de Jesus (1928-) in the aesthetic renewal of the forties in the Azores, specially activity of Eduíno in literary criticism. It also draws attention to the role of his generation in that process.

Urbano Bettencourt – Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

Palavras-chave: literatura açoriana, anos quarenta, modernismo.

Key-words: azorean literature, the forties, modernism.

A 27 de Outubro de 1945, o jornal *A Ilha* trazia à esquerda e ao centro da primeira página dois «fundos» assinados por Pedro da Silveira e Fernando Reis¹, respectivamente: o do primeiro intitulava-se «Posição e ponto de par-

tida duma geração»; o do segundo, «*A Ilha* lança um apelo – uma campanha em prol dos Açores».

Aparentemente, e a uma leitura de relance, nada ligará os dois textos. No entanto, e por razões que adiantarei, acabei por escolher o jornal desse dia como uma referência fixa no interior do tempo vago e difuso de que fala o meu título. Convém explicar

¹ Fernando Reis: funcionário dos CTT e colaborador regular d'*A Ilha*, mesmo após o seu regresso a Lisboa em meados de 1945.

que não há aqui nada que se pareça com o rigor do muito ilustre bispo Usserius (citado por Eça de Queirós), segundo o qual «Adão, Pai dos Homens, foi criado no dia 28 de Outubro, às duas horas da tarde»; trata-se apenas de arranjar, de forma mais ou menos justificada, um pouco aleatória talvez, uma baliza que nos permita situar os acontecimentos «[d]aqueles anos de 1940 e tal»² e ao mesmo tempo nos ajude a entender o seu sentido e alcance.

O texto de Pedro da Silveira não constituía um manifesto, mas procedia a uma análise do quadro histórico e social em que se situava uma geração, a sua, e das tarefas que lhe eram exigidas nesse contexto. A leitura de outros textos do autor vindos a público n.º *A Ilha* permite-nos uma perspectiva mais abrangente dessa análise e dos vectores que a enformavam, nomeadamente o fim da segunda guerra e o triunfo da democracia sobre a irracionalidade, com o que isso criava de expectativas (goradas, como se sabe) de uma transformação política interna, no sentido de um outro modelo político e social.

Fernando Reis, por seu lado, ocupava-se de uma questão mais concreta:

os militares continentais, os expedicionários, estavam a regressar a casa e falavam muito das belezas dos Açores, mas quase sempre em termos pouco abonatórios; importava, por isso, olhar com atenção para o que estava mal e tomar medidas e, também aqui, essa era uma tarefa dos mais novos. Para lá desta referência imediata, o que o texto de Fernando Reis permite sobretudo evocar é a presença em Ponta Delgada de outros continentais que, menos preocupados com a paisagem açoriana, participaram activamente na transformação cultural que se desenhou na década de 40 e que tinham vindo parar aos Açores por razões de ordem militar. O «sentido de geração» que, em termos genéricos, aqui ocorre já tivera, e em termos meramente literários, um afloramento anterior com a *Miscelânea de prosa e verso* editada em 1943 por Carlos Tomé³. Aí se reúnem textos de Egito Gonçalves (precisamente um dos continentais expedicionários), Gustavo de Fraga, J. M. Camilo de Melo, Lopes de Araújo, Lopes de Almeida, Raposo de Lima e Virgílio de Oliveira.

² Pedro da Silveira (1986), «Aqueles anos de 1940 e tal», in Onésimo Teotónio Almeida, *Da Literatura Açoriana – subsídios para um balanço*, Angra, SREC, pp. 31-42.

³ Não é fácil referenciar canonicamente uma obra cuja capa traz uma frase que articula editor, título e data: *Carlos Tomé editou esta Miscelânea de prosa e verso no ano de 1943*. A obra foi impressa nas oficinas tipográficas do *Correio dos Açores*.

A breve nota de apresentação, não assinada, traz à consideração alguns aspectos da literatura na sua dimensão institucional, ao referir a insuficiência da imprensa enquanto lugar onde os autores possam devidamente instituir-se como tais, ocupando o seu espaço público e de onde possam estabelecer um diálogo com o leitor: é um meio de comunicação fugaz, precário, que se esgota no próprio momento da publicação e traduz, além do mais, uma cedência do jornalista às expectativas e sobretudo ao gosto do leitor comum. Só o livro poderia fazer face a estas limitações, pelo seu carácter duradouro, não sujeito às contingências do tempo, aberto à comunidade de leitores presentes e futuros. Na perspectiva do seu editor, *Miscelânea* cumpria a missão de assinalar a presença da nova geração no mundo em preparação: «mensagem, embora modesta, da Mocidade de hoje ao Mundo de amanhã.»

Prestando alguma atenção aos textos do volume, talvez seja hoje fácil dizer que apenas Egito Gonçalves estaria em condições de enviar uma mensagem ao mundo (literário ou não) que se anunciava, pela capacidade efabulatória e discursiva e também pela sobriedade da introspecção, controlando a efusão emotiva, mesmo num texto que se anunciava como página de diário antigo. É um comentário feito a posteriori, claro está, quando já se

conhece o que foi a carreira literária de Egito Gonçalves; mas, na verdade, o que o volume principalmente atesta é a presença dominante de um neo-romantismo, nas suas formulações romanescas e nos derrames afectivos, a que nem escapa a referencialidade imediata da narrativa de Camilo de Melo, situando no interior do exército franquista uma história que combina uma variante do Cavaleiro Negro, de Herculano, com outra da «donzela-guerreiro» e fazendo a narrativa desembocar num inevitável casamento realizado perante o Caudilho em pessoa. De qualquer modo, a mensagem mais vasta que essa geração enviava aos vindouros tinha sobretudo a ver com a consciência da precariedade da condição social da escrita e do escritor e com a necessidade de em cada momento se procurar (procurarem eles, escritores) os meios adequados para demarcar o seu espaço público e encontrar os meios adequados para o fazer.

Mas, voltando a 1945: este foi, na verdade, um ano de sinais.

A 14 de Julho, Pedro da Silveira inaugurou n' *A Ilha* uma secção intitulada «Notas sobre Literatura Contemporânea», e nesse primeiro número ocupou-se da moderna literatura cabo-verdiana e do seu poeta Jorge Barbosa. Ao longo dos seis anos seguintes, Pedro da Silveira “visitou” com regularidade os escritores cabo-

-verdianos e publicou-os cá, alguns deles tendo-se mesmo estreado no jornal de Ponta Delgada. Estava aí aquele que foi um dos principais campos de referência literária e sócio-cultural, em termos práticos e teóricos, basta ver, por exemplo, o primeiro livro de Pedro da Silveira, *A Ilha e o Mundo* (1952), ou o modo como a experiência literária cabo-verdiana assoma no interior da discussão sobre a literatura açoriana, já no início da década de 50. De resto, em mensagem electrónica de 17.09.2006, o próprio Eduíno de Jesus se referia a este aspecto e ao papel desempenhado pelo cabo-verdiano João de Deus Lopes da Silva, comandante da marinha mercante, que a bordo do seu navio reunia em tertúlia os jovens intelectuais de Ponta Delgada, sempre que por cá passava. E deixava Eduíno, na sua mensagem, como memória de leitura desse tempo, uma estrofe de «Terra-Longe», seguramente o mais conhecido poema de Pedro Corsino Azevedo (que aqui trago integralmente como oferta pessoal de homenagem a Eduíno):

Aqui, perdido, distante
das realidades que apenas sonhei,
cansado pela febre do mais-além,
suponho
minha mãe a embalar-me,
eu, pequenino, zangado pelo sono que não vinha.

“Ai, não montes tal cavalinho,
tal cavalinho vai terra-longe,

terra-longe tem gente-gentio,
gente-gentio come gente”

À doce toada
meu sono caía de manso
da boca de minha mãe:

“Cala, cala, meu menino,
terra-longe tem gente gentio
gente-gentio come gente”.

Depois vieram os anos,
e, com eles, tantas saudades!...
Hoje, lá no fundo, gritam: vai!
Mas a voz da minha mãe,
a gemer de mansinho
cantigas da minha infância,
aconselha ao filho amado:

“Terra-longe tem gente-gentio,
gente-gentio come gente”.

Terra-longe! terra-longe!...

– Oh mãe que me embalaste
– Oh meu querer bipartido!

Mas o ano de 1945 tinha começado praticamente com um texto de Egito Gonçalves (nessa altura já regressado ao território do continente) em que o livro *Noite de Alma*, de Lopes Araújo, era objecto de uma crítica desfavorável em virtude do seu convencionalismo literário. Era o mote para uma polémica que, no entanto, só chegaria em Maio e graças a um texto do jovem Carlos Wallenstein, que motivaria uma troca pública de cartas entre o crítico e o autor e ainda a intervenção “moderadora” de Fernando Reis.

As águas literárias agitavam-se, mas é preciso ver que as coisas não começavam de modo abrupto. Três anos antes já Ruy Galvão de Carvalho escrevia sobre a poesia modernista e sobre ela fazia palestras de “introdução”, uma delas no liceu e em que se empenhara na demonstração de que a poesia modernista é uma poesia de inquietude metafísica de «conscien- cialização da vida interior». Ocupara- se explicitamente de Orfeu e da Presença e ilustrara as suas palavras com exemplos concretos, a tentar afeiçoar os «ouvidos burgueses dos tradiciona- listas» (como diz o jornal).

Vale a pena uma breve pausa para um desvio lateral, a propósito da partici- pação dos expedicionários continen- tais nos acontecimentos literários de Ponta Delgada. No seu já referido texto, e recusando a ideia de que a introdução do modernismo fosse uma consequência directa da presença de- les em S. Miguel, Pedro da Silveira tentara pôr os factos no seu devido lugar, ao escrever que «a maioria des- ses moços só nos Açores se encontrou com o Modernismo»⁴. Ora, esta afir- mação é corroborada por um testemu- nho recente prestado por Egito Gon- çalves a José Manuel Tavares Rebelo, e que refere exactamente o papel que a presença em S. Miguel (1942-1944)

teve na sua formação e mesmo no seu destino literário:

«Tive a sorte de ser “expedido” para S. Miguel onde me foi dado conviver com alguns dos escritores de Ponta Del- gada. Estive ali dois anos e, transitando pela cidade, ou enchendo os olhos pelas estradas de Nordeste aos Mosteiros, fre- quentando o “Bureau de Turismo” que me fornecia as últimas novidades em livros, eu ia crescendo... (...) sei quanto devo, na minha formação, aos dois anos que ali passei... trouxe dos Açores um acrés- cimo de cultura, o interesse por coisas que antes desconhecia, e os olhos cheios de uma paisagem inesquecível»⁵.

E, dentre os seus mentores ou padri- nhos literários, referia Egito Gonçal- ves os nomes de Armando Côrtes- -Rodrigues, Diogo Ivens, Ruy Galvão de Carvalho e João da Silva Júnior, que, não sendo um escritor, sempre esteve ao lado deles, enquanto divul- gador atento das suas obras e livreiro que também era, mediante o seu Bureau de Turismo; viria depois a convivência com os jovens da gera- ção seguinte, uns e outros convocados no seu primeiro livro, *Poema para os Companheiros da Ilha* (1950).

Tudo isto para dizer que a criação do Círculo Literário Antero de Quental

⁴ *Idem, ibidem*, p. 33.

⁵ Citado por J. M. Tavares Rebelo, «O poeta que se formou na ‘Universidade de Ponta Delgada’», in *Atlântico Expresso*, 2.7.2001, p. 9.

(CLAQ), em 1946, é um elo a mais nessa cadeia de acontecimentos, o resultado também de uma inquietação renovadora que se corporiza em torno desse grupo de jovens: “É o grupo fundador do Círculo Literário Antero de Quental que, pelos anos 40 (mais precisamente, 46), se arvorou em mentor do movimento modernista a introduzir na Ilha e se destinava, por definição, a acabar com o conservantismo que estagnava as letras açorianas” – escreve Fernando Aires⁶, um dos fundadores do CLAQ, juntamente com Eduíno de Jesus, Fernando de Lima, Jacinto Soares de Albergaria e Eduardo Vasconcelos Moniz; e prossegue o autor: “em 48 junta-se-nos o Carlos Wallenstein, o Rui-Guilherme de Morais, Mário Barradas, Machado da Luz...”.

Se o Bar Jade ficou referenciado como o ponto de encontro ou de tertúlia do grupo, poderá dizer-se que o jornal *A Ilha*, mesmo não sendo um porta-voz do modernismo (nunca o foi), tornou-se o local mais visível onde ele pôde manifestar-se, um espaço aberto a outros jovens como Eduíno

Borges Garcia e à colaboração diversificada que de Portugal chegava e aberto igualmente a discursos e universos de diferentes quadrantes literários e culturais, em especial os referentes a Cabo Verde, como se disse, e ainda ao Brasil e a Angola, no mundo de língua portuguesa. É ainda o local privilegiado para observar o que foi nesses anos o esforço de renovação e também as resistências verificadas: aí está o eco das Conferências do CLAQ e dos recitais de Carlos Wallenstein no Cine Jade e no liceu, trazendo ao conhecimento do público micalense a moderna poesia de língua portuguesa⁷; aí está o ensaísmo de Eduíno de Jesus, as polémicas literárias entre antigos e modernos (mesmo entre alguns modernos como Jacinto Soares de Albergaria e Pedro da Silveira), e já por 1953 o debate (ou polémica?) motivado pelos quatro textos de Eduíno Borges Garcia reunidos posteriormente sob o título de “Por uma autêntica literatura açoriana”⁸, os pruridos moralistas provocados pela exposição de Victor Câmara e que justificaram um ensaio de Eduíno de

⁶ Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo – Diário V*, Lisboa, Ed. Salamandra, 1999, p. 62.

⁷ Lá estão, nos recitais de 19 e 23 de Setembro de 1949, nomes como os de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Eugénio de Andrade, Vitorino Nemésio, Violante de Cisneiros/Armando Côrtes-Rodrigues, José

Régio, Miguel Torga, os cabo-verdianos Manuel Lopes e Jorge Barbosa, o brasileiro Manuel Bandeira.

⁸ Já depois de editada a separata, Borges Garcia publicou n’*A Ilha* um quinto texto em que responde a dúvidas suscitadas pelos quatro primeiros.

Jesus sobre o problema da moral na arte (10.5.1959).

A partir de Maio de 1946, Eduíno de Jesus surge nas páginas d'*A Ilha* e no final da década torna-se uma presença regular, sobretudo como crítico e ensaísta.

Um texto de Eduíno, intitulado precisamente “A nuvem e a deusa” (14.03.1953), traça-nos um quadro muito pouco animador das aragens poéticas de Ponta Delgada nessa altura e avança depois para uma reflexão sobre a verdadeira natureza da poesia (que não é uma simples questão de *queda* ou de *jeito*) e do poeta (que vai muito para além do simples *habilitoso*). E denunciava ainda a tendência mais ou menos generalizada para levar à conta de poesia o que não o era, ou seja, para tomar a nuvem por Juno.

O texto não ficou sem resposta: quinze dias depois (28.3.1953) um articulista opinativo que assinava Manuel N. Geada, acusando a leitura do texto de Eduíno, escrevia que muitas “poesias actuais e futuristas” não têm forma nem sentido e alguns dos seus autores até nem são capazes de esclarecer ou interpretar aquilo que escreveram. O mesmo articulista aparecia depois em Abril (18.4.1953), com a prova escrita de que também era capaz de ser poeta modernista, pelo menos modernista ao seu jeito, que era o de prosa aos bocadinhos. E em Maio, já convertido ao espírito do

mês, regressava ao sonetozinho clássico, com chave de ouro e tudo: «orando a Nossa Senhora/ viu gente que sofre e chora/ em busca de salvação» (23.5.53).

Textos posteriores de Eduíno de Jesus continuarão esse trabalho de (in)formação e crítica, um deles já referindo nomes que seriam considerados obsoletos noutras partes, mas que por estes lados ainda estavam muito em moda. Percebe-se a persistência do crítico e ensaísta, se se tiver em conta que nos Açores os sapos-tanoeiros, parnasianos, aguados, continuavam a fazer sair dos prelos os seus cancioneiros bem martelados. E por mais aleatória que pareça a alusão a Manuel Bandeira, ela prende-se com o papel que, ao lado dos modernismos português e cabo-verdiano, o modernismo brasileiro desempenhou na consciência literária deste grupo, como ainda há tempos me confessava Eduíno em mensagem electrónica (27.01.2006):

“Manuel Bandeira é ainda hoje o “meu” poeta da saudade (a minha grande saudade!) da tertúlia do Bar Jade. Vocês, os rapazes de hoje, não podem ler os “modernistas” do 1.º Modernismo português, o de 1915-17, ou do modernismo brasileiro da Semana de Arte Moderna de 22, com a mesma emoção que nós, os rapazes de há 60 anos. Vocês já nasceram “modernos”, não há extravagância estética que não seja familiar a vocês. Mas nós tínhamos nascido românticos (podíamos admitir no máximo as ousadias

realistas de um Cesário Verde), quando, de repente, descobrimos Pessoa e o seu entourage paúlco-interseccionista-sensacionista/futurista. Foi o delírio! Os brasileiros vieram logo a seguir. Ler Bandeira em voz alta no Bar Jade e “gozar” o arrepio que isso fazia o auditório bufar, remexer-se nas cadeiras ou pagar a conta e ir bocejar para outro lado, era um prazer malévolo nosso que jamais foi possível sentir de novo depois desse tempo passado.”

Recensões críticas a autores açorianos, ensaios sobre Virgínia Woolf e Afonso Duarte ou sobre o sentido e a função da crítica, quadros panorâmicos da literatura nos Açores e da poesia em particular, um ensaio de longo fôlego sobre a época literária de Roberto de Mesquita (em Portugal e em França) – tudo isso assinala a presença de Eduíno nas páginas d’*A Ilha*. E neste domínio ensaístico e crítico, em jeito de aparte e saindo já desses anos cinquenta e da imprensa, será ainda de referir a aprofundada introdução à *Antologia de Poemas* de Armando Côrtes-Rodrigues, e o Estudo Crítico que acompanha a *Obra Poética* de António Moreno e constitui por si uma história da poesia açoriana da segunda metade do século XIX e da primeira do século XX. Isto para dizer que há por aí material crítico e ensaístico à espera de uma recolha que lhe dê a visibilidade de conjunto que por ora nos escapa. Para dizer também que Eduíno de Jesus

foi/é, entre os seus companheiros de grupo, aquele que mais longe levou uma reflexão sobre a natureza *autónoma* do fenómeno literário e poético, isto é, dotado de uma especificidade própria, em termos de processo e funcionamento, de comunicação e linguagem (enquanto que Pedro da Silveira se orientou predominantemente pela sua vertente histórica e sociológica).

E é verdade ainda que por essa altura começava a construir-se uma obra poética de invulgar rigor que viria a reunir-se em *Os silos do silêncio*. Mas isso é ultrapassar os limites temporais que me impus e para lá dos quais existiu, obviamente, mais vida crítica e ensaística. Aquilo que me propus foi, sobretudo, dar conta de alguns traços que marcaram os meados do século XX em Ponta Delgada e dos quais é inseparável a figura de Eduíno de Jesus.

Sobre o sentido geral desse tempo, a sua dinâmica e a sua projecção, conviria citar de novo o escritor Egito Gonçalves: “*sempre uma incógnita insolúvel me perturbou: se os acasos da sorte não me tivessem levado para Ponta Delgada, o que teria sido? Como poderia a literatura ter surgido, se surgisse?*”⁹

Pela minha parte, e se me é permitida uma nota pessoal, direi, a terminar,

⁹ J. M. Tavares Rebelo, *ibidem*.

que aquilo que desses tempos continua ainda a tocar-me mais de perto é a atitude de reflexão e prática locais que dialoga com a pluralidade das referências externas, sem complexos e sem a pretensão de se ser visto «lá fora». Entre o Bar Jade e o jornal

A Ilha cabia, afinal, o mundo todo e arredores. Esta será talvez a melhor lição transmitida aos que vieram depois. É também a melhor lição que estes poderiam receber dos que vieram antes.

